



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA - DEFIL**

ADOLFO BRUNO PEREIRA RODRIGUES

ANÁLISE DO PROBLEMA DO MAL EM AGOSTINHO

**CAMPINA GRANDE
2018**

ADOLFO BRUNO PEREIRA RODRIGUES

ANÁLISE DO PROBLEMA DO MAL EM AGOSTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção da Licenciatura em Filosofia.

CAMPINA GRANDE-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696a Rodrigues, Adolfo Bruno Pereira.
Análise do problema do mal em Agostinho [manuscrito] /
Adolfo Bruno Pereira Rodrigues. - 2018.
24 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Santo Agostinho . 2. Filosofia medieval. 3.
Maniqueísmo. 4. Problema do mal. I. Título
21. ed. CDD 140

ADOLFO BRUNO PEREIRA RODRIGUES

RESOLUÇÃO DO PROBLEMA DO MAL EM AGOSTINHO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de licenciatura plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau em Licenciatura em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia Medieval

Aprovado em: 19/11/2018

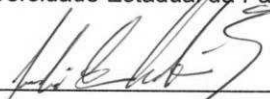
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1. Introdução.....	06
2. Agostinho e o dualismo maniqueu.....	07
3. Agostinho e os neoplatônicos.....	14
4. Resposta agostiniana ao problema do mal.....	19
5. Considerações finais.....	22
6. Referências.....	25

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade mostrar de forma objetiva e panorâmica como a questão do mal adentra na vida de Santo Agostinho a partir da obra "*Confissões*" e como ele analisa esse problema, a saber, a origem do mal. Para tanto, iremos percorrer o caminho trilhado pelo filósofo desde sua permanência no maniqueísmo, como também a descoberta da filosofia dos neoplatônicos e por fim sua resposta a esse problema mediante a sua conversão a fé cristã católica. Nesta obra, principalmente, no livro VII, o filósofo expõe a sua inquietude sobre a temática e suas discussões com os maniqueístas acerca da natureza do mal. Agostinho convertido ao cristianismo contrapõe aos maniqueus afirmando que não pode existir duas naturezas, mas apenas uma. Os maniqueus, por sua vez, afirmavam a existência de duas naturezas, uma conhecida como o Bem e outra como o Mal, ambas existentes desde a eternidade.

Palavras-chave: Agostinho. Mal. Maniqueísmo.

1- Introdução

Ao longo da História a questão do mal tem sido um problema para muitos estudiosos seja na teologia ou na filosofia. O homem em sua vivência experimenta o mal de muitas formas e maneiras, a exemplo da fome, das doenças, das guerras etc. E nesta odisséia humana ele busca respostas para “o que é o mal e qual a sua origem?”. Ou, simplesmente, “por que existe o mal no mundo”? São muitas as respostas dadas para essas questões, no entanto vamos nos delimitar a resposta dada por santo Agostinho que interpretava o mal como ausência de bem.

Contudo, por que estudar este tema na filosofia? Pelo fato que esta vai a fundo às questões como o ser, o nada ou o que é o homem e qual o seu sentido para a vida; de onde ele veio, para onde ele vai e qual o seu papel perante o mundo. É um problema que aflige a humanidade como um todo não se resumindo apenas a especulações acadêmicas.

Pesquisar o mal em Agostinho se justifica sua importante contribuição para o pensamento e a filosofia ocidental, devido aos seus estudos e conhecimento da filosofia dos neoplatônicos transmitida até nós nos dias de hoje. O pensador cristão se debruçou a fundo no estudo do problema do mal e refutando argumentos falaciosos levantado pelos maniqueus. Definida a temática do mal em Agostinho, pelo fato que este se debruça exaustivamente sobre o assunto, seja participando da seita maniquéia ou depois de convertido ao cristianismo.

Nosso trabalho não tem por finalidade levantar novas discussões sobre o tema, mas fornecer uma visão abrangente sobre aquilo que vem sendo estudado; contudo, utilizaremos de alguns comentadores tais como Costa e Reale para nortear as questões vigentes, delimitando-se assim exclusivamente a resposta ao problema do mal dado por Agostinho.

No entanto o que levou o filósofo a se interessar por esse tema, o problema do mal. Por que esta questão o acompanhou por grande parte de sua vida, seja na época em que aderiu ao maniqueísmo para buscar resposta a questão do mal ou quando aderiu ao cristianismo fazendo críticas severas a sua antiga crença, o maniqueísmo. Afinal por que o mal é um problema? De acordo com Costa em seu livro *O problema do mal na polêmica Antimaniquéia em Santo Agostinho* (2002, p. 15) o que levou Agostinho a se interessar por esse tema foi por que “era um tema

comum na época”, e ainda segundo Costa (2002, p.16) “foi o fato de Agostinho ter sido educado na fé judaico-cristã e aprendera ali que Deus é bom e autor do bem”.

Nosso trabalho está dividido em três partes. Na primeira parte apresentaremos aspectos da vida de Agostinho, seu contato com a experiência do mal e sua adesão ao maniqueísmo em busca da resposta ao problema do mal, e conseqüentemente, seu afastamento desta corrente filosófica. Na segunda parte falaremos sobre seu encontro com a filosofia dos neoplatônicos, sobretudo, com Plotino que vai conceber o mal como ausência de ser e o seu reencontro com a fé cristã. E na terceira parte trataremos sobre a solução dada por Agostinho ao problema do mal.

O método utilizado para tal estudo consistiu em uma pesquisa bibliográfica, via qual a principal obra foi o livro VII das *"Confissões"* de Agostinho e o Livre Arbítrio. Também utilizamos da obra de Costa *"O problema do mal na polêmica antemaniqueia de Santo Agostinho"*, como também, utilizaremos do pensamento dos neoplatônicos (Plotino) através de comentadores como Reale e Costa.

2- Agostinho e o dualismo maniqueu

Aurélio Agostinho nasceu em 354, em Tagaste, pequena cidade da Numídia, na África (REALE, 1990, p. 480). Seu pai Patrício¹ era dono de uma pequena propriedade de terras, de caráter energético, mas que não mediu esforços para educar seu filho. Já pelo lado materno, sua mãe Mônica², era uma piedosa e devotada cristã que segundo Reale:

Foi ela quem, com sua firme fé e seu coerente testemunho cristão, lançou em certo sentido as bases e construiu as premissas da futura conversão do filho, sobre o qual, depois, exerceu estímulo muito tenaz. (REALE, 1990, p. 429).

¹De acordo com Brown "[...] o pai de Agostinho, Patrício, escapa-nos por completo. Agostinho, homem de muitos silêncios significativos, calaria friamente sobre ele. Patrício era generoso, mas 'exaltado'. Orgulhava-se exageradamente do filho: era admirado por todos pelos sacrifícios que fazia para levar a cabo a educação de Agostinho" (BROWN, 2012, p. 35.).

² Acima de tudo, era uma mulher de profundos recursos internos, suas certezas eram irritantes; os sonhos por intermédio dos quais previa o curós da vida do filho eram impressionantes, e ela confiava em sua capacidade de saber, instintivamente, qual desses sonhos era autêntico. (BROWN, 2012, p. 35.).

Sua educação inicial foi tomada por grande sofrimento, pois para aprender a ler apanhava do seu mestre o que dificultou o seu aprendizado. Só mais tarde, quando cursa o ginásio na cidade de Madaura, Agostinho passa a tomar gosto pelos estudos, pois estava sendo oferecido neste curso aulas de retórica. Agostinho avesso à língua grega, mas entusiasta da língua latina, conheceu a obra de Virgílio, as *Enéidas* pela qual se apaixonou profundamente.

Após o término do ginásio, o hiponense vai para a cidade de Cartago, cursar o estudo superior custeado por um amigo da família. Já no final do curso, Agostinho tem contato com a obra *Hortensius* de Cícero, como o próprio Agostinho nos fala em suas *Confissões*: “Seguindo o programa do curso, cheguei ao livro de Cícero, cuja linguagem, mais do que o coração, quase todos louvam. Esse livro contém uma exortação ao estudo da filosofia. Chama-se *Hortênsio*” (AGOSTINHO, 1980, III, 4, 7). Nos é afirmado por Costa que “*nesse livro, o velho tribuno, desiludido das suas ambições políticas, volta-se para a filosofia, onde procura encontrar a felicidade nas meditações das verdades eternas*” (COSTA, 2002, p. 23). Ainda Costa:

Ali, Agostinho encontrava a visão da bem-aventurança prometida aos que vivessem de acordo com a sabedoria e a idéia, também, de que o conhecimento da verdade equivale ao conhecimento de Deus e de que a felicidade consiste na posse desse conhecimento. Ou seja, Cícero estabelece uma estreita relação entre conhecimento ou sabedoria, filosofia e felicidade. (COSTA, 2002, p. 24 - 25).

É com a leitura de *Hortênsio*, que o problema do mal aparece para Agostinho de forma filosófica. assim começa a se indagar: “Donde me veio, então, o querer eu o mal e não querer o bem?” (AGOSTINHO, 1980, VII, 3, 5). Este livro fez o Santo redescobrir Deus como lhe ensinara sua mãe na infância, como ele mesmo diz em suas *Confissões*:

Ele mudou o alvo das minhas afeições e encaminhou para Vós, Senhor, as minhas preces, transformando as minhas aspirações e desejos. Imediatamente se tornaram vis, a meus olhos, as vãs esperanças. Já ambicionava, com incrível ardor do coração, a Sabedoria imortal. Principiava a levantar-me para voltar para Vós. (AGOSTINHO, 1980, III, 4, 7)

Contudo, Agostinho lamenta não ter encontrado o nome de Cristo na obra de Cícero³, ou seja, não encontrou uma mensagem cristã. Esse fato levou Agostinho a procurar as Sagradas Escrituras, pois sempre teve contato com os grandes professores de retórica e gramática e com isso, encontrar na Bíblia ensinamentos retóricos; porém, logo se decepciona, pois acha a Bíblia uma obra indigna comparada com a grandiosa obra de Cícero.

Para Costa:

O que Agostinho procurava, naquele momento, nas sagradas escrituras, não era simplesmente uma mensagem espiritual, fundada unicamente na fé, mais muito mais uma explicação científico-racional para os grandes problemas do cosmo e do homem, especialmente para o problema do mal. (COSTA, 2002, p.32-33).

Desiludido com a leitura da Bíblia e na esperança de encontrar resposta para as suas inquietudes, o filho de Mônica entra para a seita dos maniqueus⁴.

Os maniqueus acreditavam na existência ontológica de dois mundos, duas naturezas. O primeiro mundo se chama reino da luz, cidade conhecida como cidade da paz, já o segundo é o reino das Trevas conhecido como noite da matéria do erro. E estes dois reinos, para os maniqueístas, o reino da luz – o Bem, e o reino das Trevas – o Mal, são incriados e possuem co-eternidade. O Bem e o Mal são dois princípios e estão divididos cronologicamente em três tempos. Essa divisão dos três tempos para Costa, consiste na mitologia maniqueísta e se apresenta de forma trinitária onde a história gnóstica do salvador está dividida em três tempos: princípio, meio e fim Costa ressalta que:

O primeiro tempo, inicial ou passado, engloba as origens cósmicas dos dois princípios, o Bem e o Mal, quando eles viviam independentes uns dos outros, e seus afrontamentos. [...] O segundo tempo, médio, é o tempo da mistura entre os dois reinos, que se caracterizará pela queda de uma parte da Luz na matéria e o início da luta entre os dois reinos ou a história da luta de salvação da Luz prisioneira da matéria, bem como é o tempo da criação dos seres do universo. O terceiro tempo, final ou futuro, será o retorno

³ Segundo Costa: "Pelo fato que Agostinho nasceu na fé e, por mais que se tivesse desviado moralmente da religião Cristã, seu coração fora marcado pelo cristianismo, sua infância fora marcada pelas palavras de Cristo, repassadas para ele pela boca de sua mãe" (COSTA, 2002, p.28,29).

⁴ O maniqueísmo foi fundado, no século III, na Ásia, por um monge asceta de nome Mani ou Manés. Este nasceu em 14 de abril de 216, na aldeia de Nahar-Koutha, distrito de Mardinu, localizada entre os rios Eufrates e Tigre, na Babilônia do Norte, no quarto ano do reinado de Artaban V, último rei Arsácida. (COSTA, 2002, p. 52-53).

definitivo da luz às suas origens, ou seja, a libertação ou a separação de todas as luzes imbricadas na matéria, com a entrada de todas as almas no reino do Pai e a queda da matéria e dos demônios no inferno tenebroso. (COSTA, 2002, p.60-61).

Com isso, Costa quer dizer que cada um desses tempos gnósticos apresenta um elemento de salvação, onde, segundo cada progresso do mal, surge uma possibilidade de cura.

Ainda, segundo Costa:

Quanto ao poder e valor desses dois reinos, duas considerações merecem destaque: primeiro, quanto ao poder, por terem princípios idênticos e independentes, cada um tem a idêntica potência. Assim, por exemplo, ambos têm poder de criar suas emanações e, na luta cósmica, medem forças em pé de igualdade. Quanto ao valor, os maniqueus afirmam que a luz é superior às trevas, por suas qualidades intrínsecas de bondade, beleza e inteligência. (COSTA, 2002, p. 67-68).

Assim, Costa nos mostra que, tanto o reino das Trevas quanto o reino da Luz possuem idêntica potência de criar suas emanações e quanto ao valor a Luz tem predominância sobre as Trevas

No maniqueísmo a criação se dá pelo contato do Bem com o Mal. A parte do Bem está em constante luta contra o Mal para dele se libertar, visto que o Mal está relacionado com a matéria, e esta, a matéria consiste numa prisão para a luz. O homem por sua vez deve procurar a luz para se libertar da matéria, causa de sua condenação.

No maniqueísmo, o mal praticado pelo homem se dá devido a sua natureza má, o que faz o homem afastar-se de Deus. Assim, o homem por possuir duas naturezas, uma do bem e outra do mal; essa parte má que nele habita não o deixa ser livre, pois o afasta do bem.

Os maniqueístas se apresentavam como uma religião revelada e de caráter profético. Seu fundador Mani, designava-se como o paráclito, o enviado; e tinha o Novo Testamento como autoridade de fé e rejeitavam grande parte do Antigo Testamento. Essas prerrogativas fizeram Agostinho adentrar para fé dos Maniqueus.

De acordo com Costa:

No maniqueísmo, Agostinho pensou ter encontrado uma resposta para o problema do mal moral no homem, ou seja, para a sua má conduta moral, pois ali acreditou com intensidade que não era totalmente livre, mas que sua liberdade somente poderia identificar-se com uma parte dele mesmo, a sua alma boa. A outra, a matéria, não só era ontologicamente má, mas também contaminaria ou influenciaria a parte boa a praticar o mal. Julgava,

portanto, que ele pecava não voluntariamente, mas que estava deterministicamente programado a fazer o mal. Ou seja, no homem, há uma alma ontologicamente boa, um “eu original”. Consubstancial com Deus ou o bem, mas que, na sua fusão com o corpo, se vê envenenada por tendências perversas, passando a ser uma alma má, um “eu demoníaco”, uma “consciência sombria” ou uma “inteligência obscura”. (COSTA, 2002, p. 101).

Costa nos mostra que para os maniqueus, o homem não tem culpa pelos erros cometidos. Esses erros eram de responsabilidade da parte má que tinha influência sobre a parte boa, assim o homem está determinado a praticar o mal.

O deus do maniqueísmo é de natureza física, corpórea mas que não tem forma humana e é infinito e ilimitado. Daí para o entendimento de Agostinho enquanto maniqueu, o mal praticado por ele não estava sob sua responsabilidade, era algo independente dele, era involuntário a ele, era de responsabilidade da parte má de sua natureza, ou seja, Agostinho acreditava que estava isento de ser responsabilizado pelos seus erros, como ele mesmo fala em suas *Confissões*,

Eu acreditava, com efeito, que não somos nós que pecamos, mas tão-somente aquela outra natureza que pecava em nós, pelo que minha alma soberba deleitava-se com não ter as responsabilidades da culpa. Quando procedia mal, não confessava a minha culpabilidade, para que me pudésseis curar a alma, já que Vos tinha oferecido, mas gostava de desculpar e de acusar uma outra coisa que estava comigo e que não era eu. (AGOSTINHO, 1980 V, 10, 18).

Nesse viés, de acordo com o entendimento de Costa (2002, p. 105), o maniqueísmo acreditava que o homem ou a sua alma poderia se libertar das amarras do mal através de uma autoconsciência, ou seja, o espírito adormecido no interior da matéria toma consciência de si, despertando o desejo de salvação.

Agostinho possuía um coração inquieto, uma mente que não se conformava tão fácil com uma simples resposta ou mesmo com uma resposta vaga, pelo fato que possuía uma formação gramático-retórica. Um pensador incansável e implacável contra os hereges de seu tempo, a exemplo dos maniqueus cujo fundador Mani se dizia que era o paráclito, o ‘enviado’. Os maniqueus davam uma falsa resposta ao problema do mal, dizendo que o mundo surgiu a partir de duas forças; uma do Bem e outra do mal. Sendo assim, Agostinho nunca foi um verdadeiro maniqueu, sempre se manteve desconfiado para com a seita maniqueia, pelo motivo de não encontrar consistência em seu sistema filosófico. E tal afirmação se dá quando Agostinho começa a ler os neoplatônicos mais precisamente com Plotino, onde encontra pontos que vão contra o pensamento maniqueu.

Como eu tinha lido muitos filósofos e conservava na memória as suas teorias, comparava algumas delas com as longas fábulas dos maniqueístas. As doutrinas dos filósofos pareciam-me mais prováveis porque "se mostraram com poder de avaliar o tempo presente, ainda que de modo algum encontrariam o seu Deus". (AGOSTINHO, 1980, V, 3, 3).

E nesta implacável busca pela verdade, Agostinho vai se distanciando cada vez mais do maniqueísmo, por não achar consistência em suas respostas e por esta apresentar uma fé infundada e fantasiosa. Muitas dúvidas como a resposta sobre a origem do mal, ou ainda, se Deus tinha limites por sua corporeidade, cresciam em sua mente, dúvidas que, no maniqueísmo já não encontrava respostas.

A última esperança de Agostinho para encontrar resposta a suas perguntas se dará com a vinda de Fausto, bispo maniqueu a Cartago, no ano de 383, como nos relata Costa, (2002, p. 129). Fausto era homem de grande eloquência e fama; e que gozava de grande respeito por parte dos maniqueus. Como ele mesmo fala em suas Confissões:

Durante cerca de nove anos, em que o meu pensamento errante escutava a doutrina maniqueísta, ansiosamente esperava a vinda de Fausto... Mas asseguravam-me que, quando viesse Fausto, facilmente me resolveria numa simples conversa todas estas dificuldades, e ainda outras mais intrincadas que lhe propusesse. (AGOSTINHO, 1980, V, 6, 10).

Mas, para a surpresa de Agostinho, Fausto não saciou sua mente inquieta, não conseguia responder a suas perguntas sobre a questão do mal, pelo contrário mostrou-se uma pessoa despreparada. Agostinho observa que ele tem conhecimento de apenas algumas passagens de obras filosóficas como as de Sêneca e Cícero e da gramática de forma nada extraordinária.

Notei que das artes liberais apenas sabia a gramática, e, ainda esta, de modo nada extraordinário. Porque ele tinha lido alguns discursos de Cícero, pouquíssimos tratados de Sêneca, alguns trechos de poetas e os poucos livros da seita elegantemente escritos em latim, e, além disso, porque se exercitava cotidianamente na oratória, tinha adquirido esta facilidade de falar, que o bom emprego do seu talento e certa graça natural tornavam mais agradável e sedutora. (AGOSTINHO, 1980, V, 6, 11).

Nestas circunstâncias, seria difícil para Agostinho permanecer no maniqueísmo, doravante a impossibilidade de Fausto responder as questões que tanto o angustiava.

Por estas vias de fato, Agostinho decide abandonar a doutrina maniqueia, partindo, para Roma com o objetivo de ensinar retórica. Em sua estadia em Roma,

Agostinho tem notícia de uma vaga para professor de retórica em Milão, e assim, logo se prontifica para o cargo prestando concurso e sendo aprovado⁵. Em Milão, Agostinho tem contato com o Bispo Ambrósio, homem de grande eloquência e zelo pastoral e que, futuramente, viria a batizá-lo. Ambrósio pregava ao povo, quando Agostinho veio escutar o seu sermão, ao qual ficou extasiado diante do poder de sua retórica.

Ardorosamente o ouvia quando pregava ao povo, não com o espírito que convinha, mas como que a sondar a sua eloquência para ver se correspondia à fama, ou se realmente se exagerava ou diminuía a sua reputação oratória. Estava suspenso das suas palavras, extasiado, porém indiferente e até mofando do que ele dizia. Deleitava-me com a suavidade do discurso, bem mais erudito do que o de Fausto, porém menos humorístico e sedutor na apresentação. Pelo que se refere ao assunto, não se podem comparar, pois um vagabundeava pelos enganos dos maniqueístas, e o outro ensinava com a máxima segurança a salvação. (AGOSTINHO, 1980, V, 13, 23).

Agostinho tinha uma certa desconfiança para com Ambrósio, será que ele pregava com sabedoria? Será que sua fama fazia jus a sua retórica? Para a surpresa de Agostinho, Ambrósio se mostrou uma pessoa capaz, diferente de Fausto que possuía um discurso enganoso e menos erudito.

Foi na escuta desses sermões que Agostinho apreendeu um conceito que para ele era novo, a saber, o de “substância espiritual”. Conceito, esse, que viria a usar futuramente para refutar o maniqueísmo, que via Deus como um ser corpóreo. E como Agostinho mesmo fala: “Eu, que nem sequer levemente ou por enigma suspeitava do que era substância espiritual, contudo, alegrei-me e envergonhei-me de ter ladrado, durante tantos anos, não contra a fé católica”, (AGOSTINHO, 1980, VI, 3, 4). Aqui, Agostinho nos mostra que para os maniqueus, Deus não era um ser de natureza espiritual, mas corpóreo, ou seja está presente na matéria.

Com o ensinamento do Bispo Ambrósio, Agostinho compreende que o Deus do cristianismo é uno e criador de todas as coisas e que sua substância não é corpórea ou material, mas espiritual. Assim, o Deus cristão não possui forma e nem está mesclado a matéria. Segundo Costa:

⁵ "Depois que dirigiram de Milão um pedido ao prefeito de Roma para que aquela cidade fosse provida dum professor de retórica, a quem se concederia a licença de viajar na diligência do Estado, eu próprio solicitei esse emprego por intermédio destes mesmos amigos, embriagados pelas vaidades dos maniqueístas. Era para me separar, mas tanto eles como eu o ignorávamos. Propôs-me Símaco, então prefeito, um tema para discursar, e, sendo eu aprovado, me enviou". (AGOSTINHO, 1980, V, 13, 23)

[Agostinho]enquanto fora maniqueu, o problema não consistia na verdade acerca da existência de Deus, mas quanto a sua substancialidade e aos caminhos para alcançá-lo. Ou seja, enquanto fora maniqueu, Agostinho jamais chegou a duvidar da existência de Deus, mas até então, Deus era para ele um ser corpóreo. (COSTA, 2002, p. 141.).

Agostinho apreendeu também a interpretar a Bíblia de forma alegórica, passagens que até então, tinha dificuldades de entender, como por exemplo, a afirmação de que “o homem foi criado a sua imagem e semelhança” (Gênesis 1, 26), passagem esta que era impedimento para receber a fé católica, pois era inconcebível para ele, que Deus assumisse forma humana se Ele era um ser totalmente espiritual.

3- Agostinho e os neoplatônicos

No ano de 386, chegaram até suas mãos “alguns livros platônicos”, obras de fundamental importância para sua nova ontologia, ou seja, busca para a resposta sobre a origem do mal. O contato com essas obras, provocou um verdadeiro vendaval na mente de Agostinho, retirando de seus olhos o véu que cobria a verdade, agora revelada pelos neoplatônicos, mais precisamente por Plotino.

Plotino foi um filósofo neoplatônico nascido no Egito em 204 e falecido em Campânia, Itália no ano de 270. A filosofia plotiniana consiste em uma nova fundação da metafísica clássica, entre Platão e Aristóteles e sua relação com o mundo sensível e mundo inteligível.

Plotino concebe o “Uno” como infinito e ilimitado e que está acima do ser, do pensamento e da vida. Não que ele seja não ser, não pensamento, não vida; mas sim super-pensamento, super-ser, super-vida. Um princípio supremo de unidade, como bem observa Reale:

todo ente é tal em virtude de sua “unidade” retirada a unidade: retira-se o ente. Ora, há princípios de unidade em diversos níveis, mas todos pressupõem um princípio supremo de unidade, que ele denomina precisamente de “UNO”. Platão já havia colocado o Uno no vértice do mundo ideal, mas o concebia como limitado e limitante. Plotino, no entanto, concebe o “UNO” como infinito. [...] Plotino descobre o infinito na dimensão do imaterial e o caracteriza como potência produtora ilimitada. E, conseqüentemente, como o ser, a substância e a inteligência haviam sido concebidos na filosofia com finitos. Plotino coloca o seu “Uno” acima do ser e da inteligência. (REALE, 1990, p. 340).

Aqui, Reale infere que em Plotino o Uno é concebido como um ser que não tem fim, nem limites e possui poder ilimitado e ele mesmo produz seu poder. Reale, também nos mostra que Plotino coloca o seu Uno acima da inteligência e do ser; isso se dá pelo motivo que o termo ‘acima’ se caracteriza por o Uno ser infinito, visto que Platão o concebia como limitado. Sendo assim, o Uno é maior, ou está para além do pensamento e da inteligência.

Plotino nos apresenta dois termos para designar o Uno: o primeiro termo é o Uno-em-si, razão de ser de toda unidade. Já o segundo é o termo Bem, não um bem apenas para si, mas um Bem para todas as coisas que dele necessitam. É o super-bem, totalmente transcendente.

Porém, Plotino se pergunta, por que há o absoluto e por que ele é o que é? Plotino nos concebe a resposta enfatizando que, segundo Reale:

O Uno se “auto-põe”, “atividade auto-produtora”, é “o Bem que se cria a si mesmo”. Ele é como quis ser: “A sua vontade e a sua essência coincidem (...) e ele é assim como quis ser”. E quis ser assim como é porque é “o que de mais elevado se possa imaginar”. (REALE, 1990, p. 341).

Reale nos esclarece que o Uno é auto-produtor, ou seja ele produz sua própria força, não depende de outras fontes de energia. Ele mesmo se criou e não outra coisa o deu a vida. Ele é o que é, tem o seu próprio pensamento e age como quer agir. Assim, podemos destacar que o Uno possui uma atividade auto-produtora e possui total liberdade criadora.

Plotino divide a realidade em mundo inteligível e mundo sensível. No mundo inteligível, Plotino nos apresenta a tríade formada pelas três hipóstases primordiais: no topo está o “Uno”, o super-Bem; e do Uno, temos a segunda processão o Nous ou inteligência, que é cópia do Uno e a mais perfeita das processões. Como bem nos apresenta Costa:

Ela marca o início da multiplicidade, pois, não obstante ser a processão mais próxima do primeiro princípio, a inteligência ou espírito traz em si uma divisão interna: por um lado, ela contempla diretamente o Uno, do qual é parte, e, por outro lado, ela contempla a si mesma, é razão consciente de si mesma. (COSTA, 2002, p. 162 - 163).

Por último, temos a terceira emanção que é a Alma universal (substância espiritual), de acordo com Costa, essa Alma deriva do espírito, o “Nous” dando vida a todos os corpos ou seres, ordenando-os, dirigindo-os e governando-os. Segundo Reale:

A alma, assim, tem uma “posição intermediária” e, portanto, tem como que “duas faces” porque, gerando o corpóreo, embora continue a ser e permanecer realidade incorpórea, “acontece-lhe” relacionar-se com o corpóreo por ela produzido, mas não ao modo corpóreo. Ela, portanto, pode entrar em qualquer parte do corpóreo “sem desviar-se da unidade do seu ser” e, assim, pode tornar-se toda-em-tudo. (REALE, 1990, p. 344).

Para Reale, a Alma possui uma pluralidade, ela é Uno em muitos. Ou seja, existe uma hierarquia de almas, como por exemplo: a Alma Suprema, que é a Alma que permanece em estreita união com o espírito do qual provém; como também há Alma do todo, que é a alma enquanto criadora do mundo e do universo físico; e por último temos as Almas particulares, que são aquelas que animam os corpos e todos os seres vivos. Todas essas Almas, de acordo com Reale, (2002, p. 344, 345), derivam da primeira, não só mantendo com ela uma relação de uno-e-muitos, mas também sendo “distintas” da Alma suprema sem ser “separadas” dela.

Essas três hipóstases do mundo inteligível: o Uno, a inteligência, e a Alma do mundo, de acordo com Costa correspondem as três realidades transcendentais do Bem, da Verdade e da Vida. Também há uma hierarquia entre elas, como nos aponta Costa:

Em Plotino, apesar do monismo, onde tudo deriva e volta ao Uno, há uma superação ou subordinação hierárquica entre as três hipóstases, sendo as duas últimas uma emanção da primeira. E, mais do que isso, a terceira hipóstase, a Alma, não emana diretamente da primeira, mas indiretamente, através da segunda, ou seja, há degraus inferiores da perfeição, (...) portanto, há degradação hierárquica ou diminuição da perfeição, ou despontecialização, não no Uno, que continua perfeito, pois este pode dar sem perder, mas nas processões sucessivas. (COSTA, 2002, p. 164-165).

Essa hierarquia Plotiniana nos mostra que existe uma subordinação para com o Uno que ocupa uma posição de superioridade entre as demais hipóstases, ou seja entre a inteligência e a Alma, e esta última, a Alma não possui uma ligação direta com o Uno. Sendo assim, há uma degradação entre as hipóstases. Como nos informa Costa.

Diferente de quando era maniqueu e quando identificava Deus e a natureza como ser corpóreo, Agostinho agora concebe Deus como uma substância espiritual, transcendente, sendo que todas as coisas emanam D’ele e compara o *Nous* de Plotino com o Verbo do Evangelho de São João, capítulo 1.

Entrei, e, com aquela vista da minha alma, vi, acima dos meus olhos interiores e acima do meu espírito, a Luz imutável. Esta não era o brilho

vulgar que é visível a todo o homem, nem era do mesmo gênero, embora fosse maior. Era como se brilhasse muito mais clara e abrangesse tudo com a sua grandeza. Não era nada disto, mas outra coisa, outra coisa muito diferente de todas estas. Essa Luz não permanecia sobre o meu espírito como o azeite em cima da água, ou como o céu sobre a terra, mas muito mais elevada, pois Ela própria me criou e eu sou-lhe inferior, porque fui criado por Ela. (AGOSTINHO, 1980, VII, 10,16).

O maior problema na doutrina emanentista de Plotino encontrava-se na passagem do mundo inteligível ao mundo sensível; como conciliar a realidade perfeita com a natureza finita? Para tal resposta, Plotino resolveu agregar a sua teoria da processão, a matéria e os seres corpóreos. Tudo deriva do Uno, inclusive o mundo sensível, por meio de inúmeras processões que compreende graus intermediários da perfeição. Isso só é possível, pois existe uma multiplicidade dos seres corpóreos, que por sinal não diminui a essência do Uno, ou seja, o Uno continua sendo ele sem perder, ou diminuir sua potência. De acordo com Costa:

O Uno pode expandir-se por todas substâncias, espirituais e materiais, sem perder nada. A processão não é senão um desdobramento interno das riquezas virtuais e infinitas do primeiro princípio. A irradiação, a luminosidade do Uno, perpassa tudo até ao grau mais ínfimo (a matéria), que é o extremo oposto ao primeiro princípio (Uno). (COSTA, 2002, p. 173).

Costa nos mostra que, o Uno é maior que as substâncias espirituais e materiais e por expandir-se sobre elas não perde sua potência, ou seja não deixa de ser o que ele é.

O “Nous” procede do Uno, que por sua vez, engendra a alma e esta por necessidade engendra a matéria, lugar da multiplicidade, ou seja, possibilidade do mal. Para tanto, Reale infere que: *“a matéria é ‘mal’: mas, no caso, o mal não é uma força negativa que se oponha ao positivo, mas simplesmente falta ou ‘privação’ do positivo”* (REALE, 1990, p. 345). Reale quer nos falar que com a ausência do bem, o mal encontra lugar na matéria, ou seja onde não há bem aí está o mal.

Em Plotino, segundo Reale, a matéria também é considerada como não-ser, pois está deriva de sua causa como possibilidade última, ou seja tem um enfraquecimento da força produtora, Ela também é diversa do ser e jaz sob ele, ou seja, está privada de todo o bem e está desprovida de toda positividade por tornar-se exaustão devido ao seu enfraquecimento e, por assim, estar privada do Uno. A matéria não nasce da alma suprema, mas do limite extremo da alma do universo, onde há um enfraquecimento da contemplação pelo fato que a Alma olha mais para si do que para o Espírito.

A matéria é, assim, o extremo limite do Uno (para além dos limites da matéria não há mais processão alguma, ou não existe mais nada), lugar da obscuridade, da multiplicidade e, portanto, fonte ou possibilidade do mal. Por isso, Plotino fala da matéria, quando de seu estado de natureza pura, ou seja, sem que esteja unida à Alma do mundo, para com ela formar o ser, como privação ou defecção – falta de forma, indeterminação, distanciamento do Bem – o não-Ser, a que Plotino dá o nome de “nada”. (COSTA, 2002, p. 178-179).

Para tanto, o Uno é o ilimitado, é a super potência que auto se cria e se governa e dele procede todas as coisas. Não possui fim, pois é ilimitado, tão pouco deixa de ser, pois Ele é como quer ser. Para tanto, Agostinho se valerá dessas afirmações e criará sua resposta para o problema do mal.

A noção de não-ser a que Plotino identifica como o “nada”, foi de fundamental importância para Agostinho superar o materialismo maniqueu e resolver a questão do problema do mal. No entanto, Agostinho percebe que ainda falta algo para resolver tal questão, visto que Plotino concebia o mal como inserido no mundo material, ou seja, a matéria contribui para a existência do mal, e este mal é de ordem natural e se ajusta a ordem do universo. Diferenciando-se assim dos maniqueus que relacionavam o mal à matéria, como nos relata Costa:

Em Plotino o mal é algo necessário, pois, para que as coisas participem, é necessário que o mal seja também em si, [...]. Por outra, “o mal não é senão um corolário da diversidade essencial e necessária dos seres criados e da essencial e necessária limitação do ser contingente”. [...]. Ele não é nada mais que o limite, a negação do bem maior e, nesse sentido, em nada incomoda a beleza do universo, e de certa forma ele é um “bem” necessário, reduzindo o mal a um problema puramente de estética na ordem natural do universo. E tal posição ainda não satisfazia plenamente o coração inquieto de Agostinho. (COSTA, 2002, p. 181-182).

Para Plotino, de acordo com Costa o mal aqui é citado como inserido no mundo, tornando-se, assim, negação do bem. O mal é um ser necessário, é um “bem”, pois como vimos em nada incomoda a beleza do universo.

No entanto, Agostinho concebe que o mal não é algo natural e está longe de possuir uma ordem ou fazer parte dela, pelo contrário, o Bispo de Hipona identificará o mal como sendo protagonista da desordem no mundo. Ao ressaltar que:

apesar de não Vos conceber sob a forma de corpo humano, necessitava, contudo, de Vos imaginar como sendo alguma coisa corpórea situada no espaço, quer imanente ao mundo, quer difundida por fora do mundo, através do infinito. Era este o ser incorruptível, indeteriorável, imutável, que antepunha ao que é corruptível, sujeito à deterioração e à mudança. Tudo o

que concebia como não ocupando espaço me parecia um nada absoluto, e não um vácuo, como sucederia se arrancássemos um objeto dum lugar e este ficasse vazio de qualquer corpo terrestre, úmido, aéreo ou celeste. Com efeito, neste caso, um lugar vazio seria como que um nada espaçoso. (AGOSTINHO, 1980, VII, 1, 1).

Tanto o maniqueísmo, com o seu dualismo ontológico-materialista, (no maniqueísmo o mundo foi criado a partir de duas forças originárias, uma do Bem e outra do Mal, existentes desde princípio e co-eternos na matéria), como o neoplatonismo, com o seu monismo racional-naturalista, (para os neoplatônicos, o mundo foi criado a partir de um único ser, e o mal não tem seu princípio na matéria, mas é apenas deficiência de bem), tinham por objetivo livrar Deus da culpa da origem do mal. O maniqueísmo, afirmava que o mal é uma substância corpórea e está identificada na matéria. Já o neoplatonismo vê o mal como uma deficiência de bem e não é identificado como um ser.

Com a leitura dos neoplâtonicos em especial Plotino com sua obra *Enéadas*, e com o auxílio do Bispo Ambrósio, (que nos seus sermões afirmava que Deus criou tudo a partir do nada e tudo o que ele criou é bom), Agostinho entende que Deus não pode ser o autor do mal e que este (o mal) não forma uma substância, pois não fora criado por Deus e, portanto, não existe. Agostinho está cada vez mais convencido em aceitar as verdades vindas do cristianismo e com ela atribuir sua resposta definitiva para o problema do mal.

Agostinho, isenta Deus de ser o autor do mal, pois o identifica como o Sumo-Bem, criador de todas as coisas, e fora D'ele nada existe. Ainda assim, precisa identificar a origem do mal, pois como um Deus que é bom e criador de todas as coisas não poderia ser o autor do mal? De onde vem o mal? Qual a sua origem? Para tal resposta, Agostinho passa a centrar no homem a responsabilidade para o problema do mal, devido ao mau uso do seu livre-arbítrio.

4- Resposta agostiniana ao problema do mal

Na obra "*O livre Arbítrio*", encontramos a "última fase da resposta agostiniana para a origem do mal" (COSTA, 2002, p. 278), pois é justamente da problemática do mal que o livro vai tratar. Agostinho usa esta obra, para mostrar a superioridade do homem para com os outros seres, através da inteligência ou razão. A partir de sua razão, o homem pode conhecer a Deus, como também escolher entre obedecê-lo ou desobedecê-lo.

Para chegar a tal conclusão, Agostinho em conversa com seu amigo Evódio, chega ao entendimento que o homem existe, vive e pensa. E com este existir, viver e pensar o homem consegue chegar à existência de Deus e conhecer e obedecer suas “ordens divinas”, mediante a sua razão. Agostinho entende que diferente dos animais que agem por instinto, o homem age pela razão e esta razão o leva a Deus que é o Sumo-Bem. No entanto o que leva ao homem afastar-se do Bem e não alcançar a felicidade?

Agostinho observa que o mau uso do livre arbitrio no homem, o leva a preferir a criatura ao Criador, pois voltando-se para a criatura e permanecendo nas suas coisas mutáveis o homem está sujeito ao pecado, e conseqüentemente, afasta-se de Deus que é justiça e sumo bem.

Já que a vontade move-se, afastando-se do Bem imutável para procurar um bem mutável, de onde lhe vem esse impulso? [...] E esse movimento, isto é, o ato de vontade de afasta-se de Deus, seu Senhor, constitui, sem dúvida, pecado. Poderemos, porém, designar Deus como o autor do pecado? Não! E assim esse movimento não vem de Deus. [...] De onde pode proceder aquele movimento de aversão que nós reconhecemos constituir o pecado – sendo ele movimento defeituoso, e todo defeito vindo do não-ser, não duvides de afirmar, sem hesitação, que ele não procede de Deus. Tal defeito sendo voluntário, está posto sob nosso poder. Porque, se de fato o temeres, é preciso não o querer; e se não o quiseres, ele não existirá. (AGOSTINHO, 1995, II, 20, 54).

Nessa linha da visão agostiniana acerca do pecado, fica claro que, o afastamento da presença de Deus constitui o pecado para o homem. E foi o que aconteceu com Agostinho quanto ao fato do roubo das pêras, onde o mesmo preferiu permanecer na criatura à ficar com o Criador; preferiu transgredir a justiça à permanecer nela. Como ele mesmo fala em suas *Confissões*,

E eu quis roubar; roubei, não instigado pela necessidade, mas somente pela penúria, pelo fastio da justiça e pelo excesso da maldade. Tanto é assim que furtei o que tinha em abundância e em muito melhores condições. Não pretendia desfrutar do furto, mas do roubo em si e do pecado. (...). Havia, próximo da nossa vinha, uma pereira, carregada de frutos nada sedutores, nem pela beleza nem pelo sabor. Alta noite, pois tínhamos o perverso costume de prolongar nas eiras os jogos até essas horas, eu com alguns jovens malvados fomos sacudi-la para lhe roubarmos os frutos. Tiramos grande quantidade, não para nos banquetearmos, se bem que provamos alguns, mas para os lançarmos aos porcos. Portanto, todo o nosso prazer consistia em praticarmos o que nos agradava, pelo fato de o roubo ser ilícito. (AGOSTINHO, 1980, II, 4, 9).

Aqui, podemos destacar que o ato praticado por sua livre e espontânea vontade, serve para ilustrar o seu mal uso do livre arbitrio. Agostinho preferiu agir

mal, roubando as pêras, ou seja, não sentia necessidade daqueles frutos, mas roubou pelo fastio da justiça. E nesta transgressão do livre arbítrio o pecado encontra espaço e, conseqüentemente, o mal adentra no mundo.

Contudo para Agostinho, o livre arbítrio da vontade, não está para o homem fazer duas escolhas, uma para o bem e outra para o mal, mas o livre arbitrio é um bem dado por Deus para que o homem se guie e aja retamente por Ele que é o sumo-bem.

Assim, o homem deve agir por retidão de acordo com seu livre arbítrio dado por Deus:

Quando Deus castiga o pecador, o que te parece que ele diz senão estas palavras: 'Eu te castigo porque não usaste de tua vontade livre para aquilo a que eu a concedi a ti'? Isto é, para agires com retidão. Por outro lado, se o homem carecesse do livre-arbítrio da vontade, como poderia existir esse bem, que consiste em manifestar a justiça, condenando os pecados e premiando as boas ações? Visto que a conduta desse homem não seria pecado nem boa ação, caso não fosse voluntária (AGOSTINHO, 1995, II, 1, 3).

O motivo pelo qual Deus dá ao homem o livre arbitrio é para que ele se guie com retidão, como vimos acima. Com o livre arbitrio o homem não está livre para fazer o mal, mas apenas o bem; caso decida pelo contrário, acaba caindo no pecado devido ao seu afastamento de Deus e por permanecer no que foi criado por Ele.

Como bem enfatiza Costa: "*a única causa do mal é o pecado, fruto da má vontade do homem*" diante do seu livre arbítrio (COSTA, 2002, p. 280), E ainda:

E por possuir a razão que o homem tem a capacidade de identificar ou conhecer a 'perfeita ordem' dos seres criados, estabelecidas por Deus, e, conhecendo-a, pode escolher livremente (livre arbítrio) entre respeitá-la, contribuindo, assim, para reta ordem, ou transgredi-la, gerando a desordem, ou o mal. (COSTA, 2002, p. 288).

Mas qual é a raiz de todos os males? Agostinho na sua obra "*O Livre Arbítrio*", nos mostra que a cobiça é que faz o homem desviar-se do caminho do bem:

Não penses que se possa dizer nada de mais verdadeiro do que esta máxima: "A raiz de todos os males é a cobiça" (1Tm. 6,10), isto é a disposição de querer além daquilo que é suficiente e que cada natureza exige conforme sua própria condição a fim de se conservar (AGOSTINHO, 1995, III, 25, 74).

Para Costa, ontologicamente o homem é um ser para Deus, mas por ser um 'ser' concreto em meio a uma realidade material, ele está propenso a cobiçar aquilo

que não é seu, colocando-o em meio a um conflito. Conflito este que o leva a ter consciência de si, de seus erros. E o homem adquirindo consciência de si percebe, como afirma Costa, que o amor a Deus é sua única e verdadeira felicidade, pois do íntimo do amor não pode sair senão o Bem.

Como também Costa expõe que:

Para o santo Doutor, o amor está na própria natureza humana trata-se de um apetite natural, pressuposto pela vontade livre, que deve, iluminada pela luz natural da razão, orientá-lo finalmente para Deus. O amor é, pois, uma atividade decorrente do próprio ser humano. Donde se deduz que, tendo-se no fundo do coração a raiz do amor, dessa raiz não se pode sair senão o bem, o que resulta na tão citada máxima agostiniana: “ama e faze o que queres”. (COSTA, 2002, p. 296 - 297).

O amor é o parâmetro para as ações humanas, e dentre todas as coisas a serem amadas, Deus é aquele que deve ser amado acima de todas as coisas. Caso contrário, o afastamento de Deus será a causa do mal moral.

5- Considerações finais

Chegando ao término de nosso trabalho, percebemos que foi muito gratificante estudar o pensamento do filósofo Agostinho, o qual dedicou grande parte de sua vida para solucionar um problema que tanto o atormentava, ou seja o problema do mal.

A resposta para tal problema se dá quando Agostinho entra para o maniqueísmo e começa a refutar suas teorias. Os maniqueus possuíam uma visão materialista do mundo, afirmavam que o mundo foi criado a partir de duas forças originárias (dois deuses) uma do Bem, conhecida como o Reino da Luz e a outra do Mal, conhecida como o Reino das Trevas. também afirmavam que o homem não tem culpa pelos seus pecados, pois o pecado está ligado a parte má da matéria do qual o homem foi criado. Com isso, os maniqueus colocam o mal como sendo ontologicamente criado.

Não contente com essa resposta, de que o mal forma uma substância e que Deus possui forma corpórea, pois estaria inserido na matéria, Agostinho abandona o maniqueísmo e com o auxílio do bispo Ambrósio com sua ideia de ‘substância espiritual’, descobre que Deus não forma uma substância corpórea, mas espiritual. Também descobre que Deus criou tudo a partir do nada, sendo assim, Deus, não poderia ter criado o mal.

Com a descoberta da filosofia dos neoplatônicos, sobretudo com Plotino, Agostinho deu um grande passo para solucionar sua problemática. Nela Agostinho compreende que os maniqueus não passam de enganados e enganadores, pois fundamentam suas teorias em argumentos falaciosos, diferente dos neoplatônicos, que tem por tradição a filosofia dos gregos, como exemplo, o filósofo Platão.

A crença da filosofia plotiniana, revela para nós o 'Uno' que é o criador de todas as coisas e dele tudo procede, e que o mal é simplesmente uma deficiência, de bem, que ocorre na matéria como se mesclado a ela. Assim, o mal não forma um ser, mas um não ser mediante as degradações do bem com as sucessivas processões do Uno. No entanto a questão do mal ainda não estaria resolvida para Agostinho, pois Plotino dá uma origem natural para o mal, colocando-o como algo necessário à matéria.

Não satisfeito com a questão do mal ser algo natural no mundo, como coloca Plotino. Agostinho busca dar a sua resposta para a origem do mal, e conclui que o mal ontológico não existe, e que Deus criador de todas as coisas não poderia ser o autor do mal. E para tal coloca para nós a noção de livre arbítrio que é a capacidade de o homem escolher em permanecer na lei de Deus ou simplesmente transgredi-la. Ou seja, sendo Deus um ser que é identificado como o sumo Bem e o mal como negação desse Bem, o homem pode escolher através do seu livre-arbítrio em permanecer nesse Bem ou simplesmente preferir ficar nas coisas criadas por Ele. Assim, Agostinho coloca o homem, como sendo o único responsável pelo mal. Por esse motivo agora o mal passa a ser identificado como sendo um ato moral, ou seja, está na ação voluntária do homem, é um ato praticado pelo homem. Transgredindo a ordem divina e sua justiça o homem afasta-se do Bem e cai no pecado, onde o amor a Deus é a única forma de restituir sua dignidade.

ABSTRACT

The present article aims to show through a panoramic and objective way, from the work "Confessions", how the issue of the evil enters in Saint Augustine's life and how he solves such problem, namely, the origin of evil. Therefore, we will follow the path traced by the philosopher since his permanence in Manichaeism, as well as the discovery of the Neoplatonic philosophy and, finally, his answer to this problem through his conversion to the Catholic Christian faith. In this work, *Confessions* mainly, in book VII, the philosopher exposes his restlessness concerning the subject and his discussion with the Manichaeans regarding the nature of evil. Augustine, converted to Christianity, contrasts with the Manichaeans stating that there can not be two natures, but only one. The Manichaeans, in their turn, used to affirm the existence of two natures: one known as good and the other as evil, both existing from eternity.

Keywords: Augustine. Evil. Manichaeism.

6- Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões** - (Os pensadores). 2 edição. — São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **O Livre-Arbítrio**. Tradução, Organização, introdução e notas Nair de Assis: revisão Honório Dalbosco. 2 edição. São Paulo: Paulus, 1995.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho, uma biografia**. Tradução de Vera Ribeiro. 7 edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **O problema do mal na polêmica antimaniquêia de Santo Agostinho**. Porto Alegre: EDIPUCRS/UNICAP, 2002.

REALE, Giovanni. **História da filosofia: Antiguidade e idade Média** - (coleção filosofia). São Paulo: PAULUS, 1990.